

Que p de língua sou eu?

Política e preconceito no país do português

BETO VIANNA
POETA, PAI E PROFESSOR

“Há 800 anos, Gengis Cã encomendou aos povos submetidos uma escrita para a sua língua, contratou letrados e difundiu idiomas espalhados pela Rota da Seda, facilitando a administração do maior império em terras contínuas que o mundo já viu, e não, como costumamos dizer, “semeando o terror”. Os mongóis nos ensinaram que governar, mais que impor a própria língua, é beneficiar-se da comunicação com os povos em contato: reunir para reinar.”

O trecho acima é parte de um artigo que escrevi em 2009 para o jornal O Tempo, quando vivia na cidade iorubá de Ilê-Ifé, na Nigéria. Esse país, como tantos na África, volta e meia se enreda no debate sobre políticas que equacionem a (antiga) diversidade linguística e a (recente) unidade nacional, resultado dos processos, ambos perversos, de colonização e descolonização. Ali são 500 línguas, três delas com dezenas de milhões de falantes, e lá está o inglês como uma estaca oficial cravada no coração nigeriano, defendida por alguns como “língua da união” entre etnias feitas rivais.

Naquele texto, usei o grande Cã como contraponto ao imperialismo linguístico das potências modernas. Em particular, questioneei a necessidade de uma “defesa” do português na economia linguística mundial, seja como língua estrangeira ou como língua oficial nos países da África e no Timor. Como nos ensinou Walter Rodney em Como a Europa subdesenvolveu a África, difundir a própria língua e cultura foi uma prática usual do neocolonialismo europeu, e a razão de ser de instituições como a Aliança Francesa e a Real Academia Espanhola. Quando o principal centro de difusão do português passa a ser o Brasil, uma ex-colônia, a promoção ultramarina da língua acaba exalando um cheirinho de incoerência histórica.

Mais produtiva que esse interesse chauvinista em difundir a língua pátria, a questão que devia ser colocada é: e que língua é essa? Ou, mais precisamente, a quantas anda a política linguística brasileira dentro das fronteiras do país?

Uma das dificuldades de levarmos essa questão adiante é a ideia, muito comum nos meios intelectuais, de que o Brasil é país de uma língua só. Tanto em termos da “cepa” da língua (o português) quanto sua utilização “correta”, entendido isso como as regras contidas em um manual de instruções, previamente codificado e ensinado na escola: o “português padrão”. É incrível como tantos escritores, artistas, jornalistas e publicitários, gente que deveria ser mais bem-informadas e bem-informantes, pregam (e a mídia míope divulga) uma unifor-

midade linguística totalmente fictícia. Veja que esse não é um fenômeno recente, de impaciência com a “esquerda desvairada”. Desde os anos 1900, século sacrossanto do nosso fervor nacionalista, os doutos e letrados reclamam que o brasileiro “corrompe” a língua, o brasileiro “fala errado”, o brasileiro “não sabe português”, e que uma expressão como “as casa amarela” (uma construção de plural impecável, pergunte-me como) “dói no ouvido”. É muita asnice para mentes tão brilhantes. Esses sábios deviam saber que, por definição, todo adulto de mente sã sabe falar - e muito bem - a própria língua, e ponto final. Mas a culpa não é só deles, coitados.

A culpa não é só deles, pois, à dificuldade gigante de se desmascarar o mito da Língua Única do Brasil - um imaginário poderoso, antigo e com aval oficial -, soma-se o outro lado perverso da moeda, que é justamente a ciência que estuda a linguagem: a linguística. No afã de garantir o reconhecimento de nossa disciplina no panteão das ciências de verdade, e em nome da guerra contra os abusos normativos da gramática, nós, linguistas, nos agarramos a uma abordagem descritivista da língua. Resignamo-nos com a crença de que a ciência nada faz além de descrever (no máximo, explicar) o “fenômeno da língua”, sem dar muita bola para o quebra-pau que acontece entre os falantes, justamente por causa de suas línguas! Essa lavagem científica de mãos só ajuda a aprofundar o poço brasileiro entre os arraigados valores socio-culturais da língua única, e as nossas bem amparadas concepções acadêmicas sobre a língua multiforme, dinâmica, variável.

Ao contrário dos antropólogos, que bem ou mal acabam participando das políticas públicas envolvendo os grupos que estudam, tem muito linguista que assiste de camarote as decisões políticas que afetam a vida dos seus falantes. Falo de modo geral: parte da linguística brasileira, em especial os pesquisadores de línguas indígenas, aproxima-se dessa caracterização que fiz do trabalho do antropólogo. Mesmo nesses casos, impera a opção preferencial pelos pobres trabalhos descritivos. Isso afasta o linguista de uma conversa mais abrangente e produtiva com o resto dos mortais, e limita sua participação em políticas públicas envolvendo os encontros entre povos e línguas. Afasta o linguista da briga por mudar o (mau) uso, o status e as funções das línguas brasileiras e de suas variantes, situação que tanto sofrimento causa a tanta gente.

Ao lado do “português correto”, a história de que o português é língua mui natural de todos nós desde a colonização, é um



senhor mito. O uso exclusivo do português foi baixado por decreto no século 18, por Marquês de Pombal, contra uma realidade de várias línguas - em especial a “língua geral”, de base tupi -, faladas e transfaladas por índios, escravos, estrangeiros e pelos próprios portugueses e seus milhões de rebentos caboclinhos. O Brasil sempre foi e continua sendo um país plurilíngue (Portugal também é, aliás), com situações não raro conflituosas de contato linguístico. Isso precisa ser reconhecido, ser encarado como um alvo de políticas públicas e merecer a participação mais efetiva dos linguistas nos esforços de pesquisa e elaboração de políticas e planejamento linguísticos que desemudeçam os brasileiros.

Voltando à Nigéria e seu inglês oficial, o engraçado (se há graça nisso), é que a maioria da população não fala inglês, ou, melhor dizendo, essa maioria pouco letrada fala (há séculos) um outro-inglês nativo, que causa calafrios à classe culta daquele país. Notou alguma semelhança com o Brasil? Pois é.



COMENTÁRIO

BASICAMENTE ESTAMOS PROPONDO QUE AS FLORESTAS SE "MUDEM" DAS NOSSAS PROPRIEDADES!



“

“Em países de tradição democrática consolidada, a convocação de jornalistas e/ou empresários de mídia para esclarecer suspeitas relativas a atividades empresariais e ao exercício profissional (...) não só tem sido feita como não é considerada constrangimento ou ameaça. Ao contrário, é entendida como servindo ao interesse público e à democracia (...)”.

(Do mesmo artigo de Venício A. de Lima)

E o PT vai com o PSDB

Quem quiser oposição na eleição de outubro terá de bater em outra porta. Com adesão do ex-prefeito e ex-ministro Patrus Ananias, o PT belo-horizontino decidiu apoiar a reeleição do prefeito Márcio Lacerda e a aliança com o PSDB. Apesar das consequências nefastas que essa aliança trouxe para o PT até agora: em 2010 Aécio passou a perna em Pimentel e apoiou o falecido Itamar para senador; em 2011 Lacerda defenestrou petistas da prefeitura e extinguiu as funções do vice-prefeito Roberto Carvalho. Como será em 2014? Lacerda vai apoiar Dilma ou Aécio? Ou será que o PT mineiro vai de Aécio pra presidente? Ou será ainda que Dilma e Aécio estarão juntos? Apesar de dois conterrâneos estarem prestes a disputar a presidência da República, nós, belo-horizontinos, nada temos para comemorar. (CAC)

“Perguntas que não querem calar: a Comissão da Verdade deverá investigar os abusos sofridos pela senhorita Xuxa durante a ditadura militar? O silêncio de Cachoeira tem algo a ver com isso?”

(De um panfleto apócrifo, provavelmente escrito por algum vendilhão da alma ao ouro de Moscou e revanchista)

Leandro Fortes e o FB

Bom, cheguei aos 5.001 amigos. Vou deletar todas as pessoas jurídicas e entidades para abrir novas vagas, à exceção do OCometa Itabirano. Ah, também vou deletar quem não tem foto, à exceção de minha mãe, que vai receber um ultimato. (pela transcrição, Luciana Lucien)

Veto e Rio+20

A Bancada do PT na ALMG em Nota Oficial manifestou sua posição pelo veto da presidente Dilma ao Código Florestal aprovado pelo Congresso. Considera que o projeto “contraria o interesse nacional”. E que as alterações introduzidas pela Câmara dos Deputados representam o maior retrocesso na legislação ambiental na história do País.

Para o deputado André Quintão, as mudanças aprovadas pela Câmara passam por cima de avanços ambientais conquistados na última década, como a obrigação de reflorestamento. O texto chega a ser incentivador de novos desmatamentos com a anistia, a exclusão de áreas importantes, como os manguezais das APPs – Áreas de Preservação Permanente e ainda deixa a proteção das margens dos rios a cargo de legislação estadual.

Na Rio+20, nosso governo tem muito a apresentar na defesa de um modelo de desenvolvimento para o planeta, que combine erradicação da miséria com baixa nas emissões de carbono e salvaguarda dos recursos naturais. (Transcrição do site do PT de Minas)

Os tocos da prefeitura

Nos últimos anos, a prefeitura de Belo Horizonte cortou uma infinidade de árvores cidade afora e deixou os tocos nos passeios, obstruindo a passagem, juntando sujeira. Agora começou a remover os tocos e plantar mudas no lugar. Não sei quanto tempo vai demorar para concluir o serviço, mas ele ainda não é conclusivo: em volta das mudas ficam buracos e terra. Provavelmente, cimentar os passeios será uma terceira etapa da obra. Não há nada que a administração Lacerda faça bem feito. Outro dia li artigo do Eduardo Costa sobre um dos novos viadutos da Lagoinha: quando ficou pronto, a prefeitura verificou que não cabiam dois ônibus. Conclusão: teve de interditar a obra e refazê-la. (CAC)

Tretas poéticas

Os cadernos B de Minas estão cada vez mais B. Dessa vez foi a vez do Hoje em Dia meter os pés tortos pelas mãos bobas. Noticiaram a apresentação de Thiago de Mello no projeto Terças Poéticas, aquele evento officioso do Palácio das Artes/Governo do Estado. Esqueceram de checar a história. Thiago veio dar uma canja no lançamento do livro de um amigo, poeta novo no ramo, daqui de Belo Horizonte. A joia

do evento foi um show de dança flamenca com três artistas de encher os olhos. Tudo emudecido pelo caderninho B. Entendemos a malícia dos organizadores do Terças Poéticas em vender gato – um ilustre desconhecido – por lebre – o autor de “Estatutos do Homem”. Mas a imprensa podia ter passado sem essa. Pega mal. (Beto Vianna)

Tretas II: mea culpa

O Cometa tem culpa no cartório. Na edição de abril de 2012 fizemos uma entrevista com o curador do Terças Poéticas e ele ficou à vontade para dizer a barbaridade que bem quis. Jurou de pé junto que o evento não existe apenas para babar ovo dos nomes

tarimbados da poesia nacional e internacional, mas valoriza e ajuda a divulgar os novos talentos, os poetas que estão começando. Ou seja, demos trela para um boca rota. O Cometa podia ter passado sem essa. (BV)

Tretas III: tapa de autor não dói

O Thiago não deixou por menos. No dia do evento, queriam porque queriam que ele recitasse, declamasse, ou sei lá como se chama esse negócio de dizer poesia. E respondesse perguntas do público, que lotou o lugar. O poeta amazonense pegou o microfone e (além de falar aquelas coisas bonitas que ele sói dizer) desceu a ripa nos organizadores do Tretas Poéticas.

Não vim a trabalho – repetiu três vezes o poeta – e nem recebi cachê do Palácio das Artes. Mas como a nossa cena cultural mineira é, além de cultural, mineira, os organizadores fizeram-se de égua, engoliram o orgulho ferido e divulgaram a quatro ventos que a verdade era mentira e a mentira era verdade. Orwell podia ter passado sem essa. (BV)



Cartaz do Terças Poéticas, censurado pelo Terças Poéticas por motivo de artistas desconhecidos.



Galpão 30

Os 30 anos de história do Grupo Galpão começaram a ser comemorados no dia 19 de maio. Neste dia e no 20 se apresentaram mais uma vez no Globe Theatre (Londres / Inglaterra), local da memória de Shakespeare, com a peça Romeu e Julieta. 37 peças de várias nacionalidades do bardo inglês foram representadas lá este ano. As festas dos 30 do Galpão prosseguem ano adentro. Por exemplo: no dia 9 de junho a mesma Romeu e Julieta estará na Praça do Papa em BHz, local de sua estreia há 20 anos. Na cidade vai até primeiro de julho. Depois São Paulo em julho e agosto e no Rio em outubro e no-

vembro. Nestas cidades haverá uma mostra com quatro espetáculos: duas montagens concebidas para rua e duas para palco: “Till, a saga de um herói torto”, “Tio Vânia (aos que vierem depois de nós)”, “Eclipse” e – repetindo – celebrando sua história e para prestar uma merecidíssima homenagem ao seu público, a remontagem comemorativa de “Romeu e Julieta”, uma das montagens com tantos e merecido aplausos. Fica de olho porque tem mais. Clica e saiba em www.grupogalpao.com.br (MP com release do grupo)

Guerra suja

“O PT era mais atacado do que hoje por grande parte dos políticos da oposição e por uma parte da imprensa brasileira. Na verdade, era um momento em que tentaram dar um golpe neste país.

“Lula disse ter se comparado na época a ex-presidentes que não completaram seus mandatos. “Não vou me matar como Getúlio [Vargas] e não vou fugir obrigado como o João Goulart. Só tem um jeito de eles me pegarem aqui: é eles enfrentarem o povo nas ruas deste país”. (Lula, na Folha)

PBH não executa as obras do Orçamento Participativo

Deu no jornal O Tempo de 22 de março: 256 obras do Orçamento Participativo de Belo Horizonte, votadas nas administrações Pimentel e Lacerda, não saíram do papel. Ou seja: serviram só de propaganda. Os dois prefeitos optaram por usar os recursos públicos para outros fins, como obras de sua preferência e publicidade, cujo orçamento foi multiplicado por oito na gestão Lacerda, só em 2011. Interessante é a solução cogitada pela PBH para resolver o problema, segundo o jornal: espaçar mais as votações do OP.. (CAC)



A lucidez dos livros.
A loucura dos livros.

Rua Fernandes Tourinho, 274 - Savassi | 3227.3077 / 3264.2858